

## O FRACASSO AMERICANO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

O fiasco do lançamento do primeiro satélite artificial americano tem sido explicado em termos de liberdade de imprensa e de lealdade democrática. Enquanto na Rússia soviética tudo se faz em segredo, e só se publica o que permitem os ditadores, nos Estados Unidos tudo se faz às claras e tudo se publica a revelar de qualquer censura. O vice-presidente Nixon, falando pela primeira vez aos jornalistas, afirmou que esta é a maneira americana de agir e que, apesar de seus inconvenientes, é melhor do que a russa. "Nós estamos fazendo nossas provas à vista de todo o mundo; os russos fizeram-nas a portas fechadas e só as abriram quando conseguiram o êxito..."

Ora, apesar de seu belo aspecto democrático, que no primeiro instante me seduziu, devo dizer que não me satisfaz a explicação. É claro, claríssimo, que acho melhor a liberdade de opinião e de publicação à sinistra censura que amordaça um povo; mas não creio que no caso se aplique bem tal princípio. Houve realmente um fracasso americano, e não há explicação capaz de transformá-lo numa apologia do regime democrático. Houve fracasso, fracasso ridículo, cômico, anedótico. Mais um pouco os americanos poderão dizer, como diria Salazar, que já resolveram boa parte dos problemas do satélite porque já escolheram o cachorro. Houve fracasso, fracasso real, mas não tecnológico ou científico como estão pensando os entusiastas da Rússia, e como estão pensando os próprios americanos.

O fracasso americano não foi científico ou tecnológico: foi antes um terrível fracasso filosófico. Não foi o despreparo dos laboratórios e da engenharia americana que fez explodir o Vanguard; foi antes o despreparo filosófico, foi a superstição da publicidade e a adoração dos critérios de sucesso e prestígio que levaram os dirigentes americanos a aceitar estupidamente o jogo soviético. Mas os atuais dirigentes lanques não podem ser totalmente responsabilizados por tal atitude, porque em toda a grande nação o povo inteiro respira aquela mesma filosofia de publicidades e prestígios. Um Presidente sensato, e desintoxicado de pragmatismo, teria dito a seu povo, no dia do lançamento do satélite russo, que a América do Norte se congratulava

com a Rússia Soviética pelo engenhoso foguete fabricado para abrilhantar os festejos do quadragésimo ano do regime; e teria acrescentado que os Estados Unidos, não tendo programado nenhum festejo especial, prosseguiriam seus trabalhos e aborariam oportunamente o interessante capítulo dos satélites artificiais. Ao contrário disto, tocados no ponto sensível, os americanos aceitaram estupidamente o desafio soviético; e assim contribuíram, de modo inesperado, para ainda mais abrilhantar o aniversário soviético.

É preciso explicar pela terceira ou 4.ª vez que o satélite russo não prova a vanguarda da ciência e da tecnologia soviética. Ciência e tecnologia são extensíssimos domínios que cobrem uma área dez mil vezes maior do que a estrita especialidade em questão. Um resultado da natureza do satélite artificial prova sem dúvida um adiantamento geral das técnicas correlatas, e até pode ser tomado como sinal de um adiantamento geral; mas de modo algum pode ser tomado como sinal de predomínio e de vanguarda em todos os setores da cultura e da técnica. Ainda mais: no estado atual da cultura, qualquer dos países razoavelmente desenvolvidos — a França, a Itália, a Inglaterra, o Japão, etc. — poderia vencer a grande nação americana numa competição técnica especializada em que o país em questão escolhesse e preparasse um determinado setor. Se, por exemplo, os Estados Unidos tivessem desenvolvido em segredo os transistores, e publicassem todos os resultados no dia da Independência, é muito improvável que os cientistas soviéticos conseguissem fabricar um transistor antes de alguns anos de pesquisas tecnológicas, ainda que tivessem notícia de alguns resultados publicados pelos americanos. Mas também é pouco provável que os dirigentes soviéticos caíssem no erro filosófico em que caíram os americanos. O erro filosófico dos russos é diferente e menos ridículo; eles publicariam em seus jornais desmentidos das experiências americanas, alegando que se tratava de propaganda capitalista, e fuzilariam quem se atrevesse a reclamar para a Rússia uma pronta resposta ao progresso ocidental.

Torno a dizer que ciência e tecnologia cobrem uma enorme área, e que a concentração de esforços

num restrito setor pode produzir um resultado que não traduz a proporção do adiantamento geral. E torno a dizer que seria sumamente estúpido aceitar uma competição em que uma das partes escolhesse e preparasse uma determinada especialidade. Os Est. Unidos caíram nessa prodigiosa tolice porque foram tocados no ponto sensível: a filosofia do sucesso tem justamente a fraqueza de fazer de um sucesso parcial um sucesso absoluto, e isto serve para mostrar, mais uma vez, que não há nada menos prático do que o famoso espírito prático dos pragmáticos. É nisto que consiste o fracasso que humilhou a nação americana, que se deixou levar pelo nariz, docilmente, pelo truque publicitário da Rússia; e sob esse ponto-de-vista devemos reconhecer lealmente a vitória soviética. Foi um notável feito de engenharia, mas foi sobretudo um notável feito psicológico. O satélite artificial produziu no mundo ocidental uma explosão de tolices: todo o mundo passou a falar de órbitas e de mecânica celeste com um estranho desembaraço, e toda uma nação se sentiu obrigada a fazer em poucos meses um satélite, como se aí residisse a honra de um povo.

Quanto à publicidade de que se gabam os americanos, devo dizer que não a considero, de modo algum, inerente ao ideal democrático. Há um abismo de diferença entre querer uma imprensa livre, uma imprensa que critique o governo, que fiscalize a aplicação dos dinheiros públicos, que se oponha a certas orientações da política dominante e admitir como coisa boa a desvairada publicidade que não conhece barreiras, e que tem como supremo ideal a precedência cronológica. Esse culto da publicidade é uma doença social, e grave. Envenena as vidas, impregnando-as do mais cretino dos critérios e esteriliza as atividades. Opõe-se como um vício ao outro vício. Na Rússia o ambiente é de presídio; nos Estados Unidos o ambiente é de feira, onde tudo se mostra sem recato e onde a falta de escrúpulo dos agentes de publicidade não conhecem limites. Ora, nem tudo o que o homem faz pode ser exposto à luz da publicidade. Boa parte da vida e das humanas atividades exige recato na preparação para melhor resultado público. Assim, por exemplo, funciona o amor no instante supremo de geração da vida. Como já disse em outro lugar, não há nada mais íntimo do que a câmara nupcial, e nada mais público do que uma criança que nasce. O amor se esconde para publicar, em dia certo, o seu belo resultado. E assim também é o amoroso trabalho da inteligência.

O engenheiro Michelson, chefe do departamento de foguetes da General Electric, numa declaração em que procurou isentar sua firma da responsabilidade do fracasso, disse o seguinte: "Se a opinião pública não tivesse feito tanta pressão, teria sido possível, sem dúvida, dispensar mais cuidados aos preparativos, e talvez pudessem ter sido evitado o acidente." É claro. Não há cientista que possa trabalhar tendo de explicar aos jornalistas, de meia em meia hora, o andamento de suas pesquisas e até as oscilações de suas perplexidades. A obra de criação da inteligência, como a obra de criação do amor precisam de recato, de pudor, de proteção, de silêncio, e não há preceito democrático algum que tire, do princípio da liberdade, um direito ilimitado à indiscrição e à impertinência. Ao contrário, a indiscrição fere a liberdade. O delírio de publicidade não está na linha da liberdade, e sim na linha da coação. Nesse sentido, as duas civilizações que se defrontam no mundo, encontram-se no mesmo atentado aos direitos do homem, embora em estilos muito diferentes. Disse bem o engenheiro Michelson que houve pressão, e por conseguinte não podem os americanos apresentar a desculpa da liberdade. Há pressões razoáveis; há pressões que a opinião pública deve exercer; mas no caso a pressão não foi razoável nem legitimamente exercida. Nenhum país do mundo poderá realizar sua missão cultural se for admitida, nos lugares de pesquisas, a ilimitada intervenção dos insaciáveis agentes de publicidade. E nenhum cientista dará o melhor de si mesmo se tiver a seu lado um repórter. O lugar de estudo é como a câmara fotográfica onde se prepara, no escuro, e com vagar, o precioso clichê; a publicidade é como o intruso que chega falando alto, com pressa, dizendo tolices, e acende as luzes para ver o que estava fazendo o artífice. A opinião pública deve ser atendida, é claro, mas não assim, não desse modo leviano e esterilizante.

A sorte do mundo depende do desempate de dois graves erros culturais. Qual dos dois será mais nocivo ao desenvolvimento da técnica e do poder? É triste escolher o mal menor. Sem nenhuma admiração pela estridência publicitária dos americanos, a minha convicção, e a minha esperança, é que o controle soviético, apesar do sucesso do satélite, sendo mais desumano, seja mais esterilizante do que o alarido da opinião pública dos Estados Unidos.

## SIMPLESMENTE

Creio que nunca fui inglês, mas leio a Bíblia todos os dias. Um pouco por humildade. Muito pelo meu amor ao teatro. Tudo ali está em cena. E o que não está esteve.

Jó, por exemplo. Jó, não pode haver dúvida, tinha sido diretor de teatro! Faltam notícias melhores da arte dramática entre os judeus. Não ficaram nem as ruínas dos lugares onde as suas peças se representaram. Ficaram as peças: tragédias, comédias, farsas, e pantomimas, bailados, quadros vivos. O livro, desde o começo é um repertório contínuo, e faz a biografia de um grande elenco.

Ficaram, principalmente, a paciência de Jó. Jó, de cá, pôs em pé muitos espetáculos. Pela ciência, assim, só de diretor de teatro! Era um homem pálido, anacstral daqueles que, tem muito tarde, La Fontaine descobriu: "Os delicados são infelizes". Quis fazer coisas diferentes. Dava aos intérpretes a mais pessoal das liberdades, apenas com uma condição que levasse a harmonia do pensamento dos autores. O sentido do "ensaio" partiu de Jó. Concentrava-se no que ia realizar, via a ação, o tempo, o espaço, as imagens em movimento; pedia à memória e à sensibilidade dos artistas a compreensão do que "deviam" ser; criava primeiro no espírito, depois na forma, ritmava, unia. Como sofreu! E como acabou!

Não sei se Gordon Craig — o contrário dele, malicioso, franco, violento — pensou em Jó quando escreveu no prefácio d' "A Arte do Teatro": a "supernarionete" e o comediante com o fogo a mais e o egoísmo a menos; o fogo dos deuses e dos diabos, mas sem fumaça nem vapor..."

ALVARO MOREYRA